

DOSSIÊ: FILOSOFIA E LITERATURA

Apresentamos ao leitor o número cinco da revista *LIMIAR*, dedicado ao *Dossiê* sobre as fronteiras entre filosofia e literatura. O presente volume é marcado pela diversidade de abordagens, articulando em linha histórica dois eixos principais: análise teórica e exame de obra literária. O tema da disputa entre filosofia e poesia, que teria marcado o nascimento da filosofia, transformou-se ao longo do tempo, renovando-se ora em tensão fértil, ora em aberta cumplicidade. Mesmo assim, a abordagem continua heterodoxa, necessitando de propedêuticas, esclarecimentos e justificativas intermináveis, como se fosse uma nova esfera do saber. Nesse sentido, Jeanne Marie Gagnebin abre o Dossiê com a sutil modulação da separação platônica entre inteligível e sensível, perguntando, com coragem, se há hoje, de fato, uma abertura nos estudos filosóficos para se pensar com liberdade a relação da filosofia com a literatura e as ciências humanas, como, por exemplo, a história. Nazareno de Almeida reforça a pergunta, sustentando a necessidade de uma filosofia da literatura, em chave semiótica; segundo ele, mesmo no século XVIII, o modelo estético não compreendeu adequadamente a literatura, a despeito do empenho do romantismo em dissolver as fronteiras entre as áreas, retomando a determinação antiga segundo a qual é a filosofia quem designa o que é a poesia e institui a separação entre elas.

Vários artigos do *Dossiê* localizam no século XVIII um ponto de inflexão relevante sobre o tema. No período, de fato, a poesia estando implicada na filosofia em pé de igualdade não aceitava se submeter ao conceito, como afirmava, *grosso modo*, a tradição filosófica desde Platão. Em Montesquieu, Rousseau e, especialmente, com Diderot e Sade a ficção não pode ser reduzida à formalização de uma mensagem, precisamente porque é na prática inventiva da literatura que se pode descobrir um pensamento e elaborar uma filosofia, de modo que está em questão não só as ideias, mas os meios de transmissão e explicitação das mesmas, entre eles o uso dos dispositivos literários. Se esse momento é inaugural ou deriva de modelos antigos é o que investiga a minuciosa exegese do conceito de “gosto” em Montesquieu, com as devidas aproximações com Charles Batteux, realizada por Luciano Façanha, Zilmara de Carvalho e Wainer Neves.

No interior deste contexto, o romantismo surge, de fato, como um momento especial, pois nele os limites entre literatura e filosofia se desfazem, as esferas perdem a especificidade ao ponto da filosofia tornar-se quase uma extensão da literatura; enquanto a filosofia torna-se uma meditação sobre o ato de escrever, a poesia busca uma forma literária não para explicitar um pensamento pré-existente, mas para criar uma forma para um pensamento em vias de constituição, em busca de sua própria verdade. Se a filosofia é inseparável de sua expressão linguística, é porque ela é, ao mesmo tempo, tentativa incessante de assegurar à linguagem comunicabilidade e investigação sobre os limites da linguagem. Movimento que possibilita, paradoxalmente, no começo do XIX, o surgimento do conceito de “literatura” e a afirmação radical da autonomia da forma: a obra de arte como objeto já não pode ser reduzida a um pensamento exterior a ela, pois ela atua num sistema autônomo; a literatura também pensa e por meio dela surgem questões e esboçam-se conceitos. Márcio Suzuki, nessa direção, aponta como Goethe e Schelling teriam concebido adequadamente as relações entre natureza e cultura como convivência e não como cisão; ruptura que é por vezes retomada equivocadamente pela filosofia contemporânea, por exemplo, como na polêmica, revista pelo autor, entre o modelo da gênese, com Propp, e o modelo da estrutura com Lévi-Strauss. Cilaine Alves Cunha expande, do lado de cá do oceano, a investigação sobre a forma romântica ao examinar o belo e intrigante poema *Meditação* de Gonçalves Dias. Como aponta a autora, há no poema implosão da simetria clássica e o predomínio do fragmento, o que garante ao autor notável envergadura formal, permitindo que *Meditação* seja não apenas um ensaio poético com tensão dramática, mas um misto de filosofia da história, crônica da história, mito maravilhoso, programa literário e manifesto abolicionista.

Precisamente como literatura, no século XX, a ficção não é um acidente, um caso particular de um princípio mais geral que caberia à filosofia enunciar; a arte é criação de formas, cuja compreensão de algo não se separa da criação de algo. Além disso, o pensamento na literatura nem anula a espessura carnal, nem reduz a variedade do existente a uma rede de relações entre conceitos gerais; como produtora de imagens, a literatura se relaciona com a materialidade das coisas e seu horizonte perceptivo e também com a interioridade, a vida dos sentimentos. Por essa razão, Bedito Nunes afirmava que as relações entre essas duas esferas nunca são diretas, mas sim transversais. Esse embate é o assunto do artigo do poeta e crítico Claudio Willer que, a

partir de Breton, sublinha na síntese entre o sensorial e o imaginado nas obras surrealistas a atitude de combate à noção de identidade; exercício que lhe permite, invertendo a série histórica, compreender o sentido da “magia sugestiva” da arte em Baudelaire. Nessa direção confluem igualmente dois artigos que refletem teoricamente sobre a forma moderna do romance. Hélio Gentil aponta, com base na hermenêutica de Paul Ricoeur, a relação intrínseca ao romance entre temporalidade e narração, ao mostrar a “relação viva entre o sedimentado e o que se ergue sobre esse terreno”. Bruno Mendes examina, em confronto com Schiller, como na *Teoria do romance* do jovem Lukács o tempo está implicado na forma.

Por fim, *last but not least*, as fronteiras são ainda mais aproximadas nos estudos monográficos deste *Dossiê*. José Feres Sabino, partindo de Benjamin, pensa os rumos da narração contemporânea nos romances de Ricardo Piglia, vendo neles o desaparecimento da experiência e a transmutação do narrador em detetive; trata-se aqui de um novo lugar no qual se determina não o que é a verdade, mas onde ela está, uma vez que se os personagens estão destituídos do real, é porque estão presos a uma cadeia de interpretações e explicações, em um “delírio interpretativo” composto de recordações estranhas e da manipulação da memória. Alexandre Pandolfo examina a questão da narratividade na novela “*As cabeças trocadas*” de Thomas Mann, na qual a subjetividade é percebida como dilacerada, de tal modo que nela o não idêntico desponta como diferença. E Gilberto Bonadio reconhece que se em Bergson há a possibilidade da literatura deslocar o significado usual das palavras, apreendendo o mundo mais livremente, em Beckett, ao contrário, é a própria representação que é radicalmente atingida, uma vez que as coisas são impenetráveis à linguagem.

Como balanço final, o *Dossiê* assevera a atualidade do tema e a complexidade que o envolve; do conjunto resulta a constatação de que pelo menos desde o fim do século XVIII não se trata de disputa, mas de contaminação recíproca entre linguagens e procedimentos, frente aos quais ambos saem revigorados: à literatura, ao enxergar e configurar caminhos possíveis, à filosofia, ao aceitar o desafio de pensá-los; entre as duas pontas reverbera a sugestão de Valéry de que “todo pensamento começa com um poema”.

Arlenice Almeida da Silva